



VII M.D.A.

**Guerra de Sucessão Espanhola
(1701 - 1714)**

Guia de Estudos

Sétima Edição

do Modelo Diplomático Agostiniano

Guia de Estudos

Gabinete de Guerra

-

Guerra de Sucessão Espanhola
(1701 - 1714)

Elaboração

Aline Campos

Gabriel Torres

Maria Eduarda Caravelos

Pedro Teixeira

Priscilla Espozel

Rafael Cabral

Revisão

Guilherme Ávila

João Antonio Guarnieri

Orientação

Felipe Queiroz

Mário Guarnieri

SUMÁRIO

1. Carta aos Delegados	4
2. Histórico	5
2.1. O contexto geopolítico da Europa no início do século XVIII	5
2.2. O Estopim	7
2.3. Início do Conflito	9
2.4. Países Beligerantes	9
2.4.1. <i>Aliados Habsburgo</i>	9
2.4.1.1. <i>Sacro Império Romano Germânico</i>	9
2.4.1.2. <i>Inglaterra e Escócia (até 1707) e Reino Unido (após 1707)</i>	10
2.4.1.3. <i>República Neerlandesa</i>	10
2.4.2. <i>Aliados dos Bourbon</i>	10
2.4.2.1. <i>França</i>	10
2.4.2.2. <i>Sabóia (Aliada dos Bourbon até 1703, após disso declararam apoio aos Habsburgo)</i>	11
3. Organização do Gabinete de Guerra	11
3.1. Introdução	11
3.2. A Sala de Guerra	12
3.3. Comunicação	12
3.3.1. <i>Ordens</i>	12
3.3.2. <i>Cartas</i>	13
4. Tipos de Tropas	14
4.1. Infantaria	14
4.1.1. <i>Introdução</i>	14
4.1.2. <i>Organização da Infantaria</i>	14
4.2. Artilharia	14
4.2.1. <i>Introdução</i>	14
4.2.2. <i>Movimentação</i>	14
4.3. Cavalaria	15
4.3.1. <i>Introdução</i>	15
4.3.2. <i>Tipos</i>	15
4.3.2.1. <i>Cavalaria Leve</i>	15
4.3.2.2. <i>Cavalaria Pesada</i>	15
5. Táticas de Guerra	15
5.1. Movimentação de Tropas	15
5.1.1. <i>Quantitativo de tropas</i>	15
5.1.2. <i>Ambientação do território</i>	16
5.2. Planejamento de Campanha	17

5.3. Ordens e direcionamentos inteligentes	18
5.4. Em batalha	19
5.4.1. <i>Principais Formações de Batalha</i>	19
5.4.1.1. <i>Legiões Romanas</i>	19
5.4.1.2. <i>Flying Wedge</i>	21
5.4.1.3. <i>Em Linha</i>	21
5.4.1.4. <i>Em Coluna</i>	23
5.4.1.5. <i>Em Quadrado</i>	24
5.4.2. <i>Como Usar o Ambiente ao seu Favor</i>	24
5.4.3. <i>Reconhecimento</i>	25
6. Referências	25

1. Carta aos Delegados

Queridos delegados,

Sejam bem vindos ao Gabinete de Guerra – Guerra de Sucessão Espanhola. Não existem suficientes palavras para descrever a importância que o conflito em questão teve na história não só da Europa, mas de toda a humanidade. Uma guerra que, dependendo do vencedor, pode estabelecer um dos impérios mais poderosos já vistos até hoje – mudando para sempre a ordem geopolítica mundial. Uma guerra que pode devastar toda a Europa, levando em conta sua proporção avassaladora.

Durante os 3 dias de simulação, caberá aos senhores decidirem que rumo o conflito levará. Sendo assim, preparamos esse Guia de Estudos para orientar vocês com informações essenciais para que participem das reuniões que se aproximam – portanto, façam bom proveito de tudo que está disponibilizado, e sintam-se encorajados a buscar conhecimento sobre o contexto histórico do comitê por conta própria também.

Tendo dito isso, esperamos ansiosamente pela hora de conhecer os senhores no VII MDA. Bons estudos, e uma ótima simulação!

Carinhosamente,

Aline Campos

Gabriel Torres

Maria Eduarda Caravelos

Pedro Teixeira

Priscilla Espozel

Rafael Cabral

2. Histórico

2.1. O contexto geopolítico da Europa no início do século XVIII

Figura 1 - Divisão política da Europa no século XVIII



Fonte: SANCHO, Camila. 2020

No início do século XVIII, basicamente todos os territórios europeus eram controlados por alguma forma de monarquia (seja esta hereditária ou eletiva). As casas reais comumente realizavam casamentos entre si para consolidar apoio político e alianças militares com outras famílias reais. Dessa maneira, um governante de uma nação reivindicava alguma outra nação como sua por direito, justificando-se nas relações consanguíneas. Como alguns exemplos da prática citada, é possível citar Carlos V, que conseguiu acumular tanto o Sacro Império Romano Germânico e o Reino da Espanha. Além disso, em 1580, quando o trono de Portugal ficou vago, Felipe II da Espanha uniu a península Ibérica por 60 anos.

Nesse período histórico, o domínio de territórios também implicava na conquista de suas colônias, levando consequentemente ao aumento do acúmulo de metais, monopólio para exportações etc., na tentativa de alcançar uma balança comercial favorável, princípios extremamente valorizados na época, decorrentes das políticas econômicas mercantilistas.

A religião também desempenhava um papel enorme na governança dos países, visto que a separação entre Igreja e Estado era apenas uma ideia no início do século XVIII. Para a maioria dos governantes católicos e o Papa, a Espanha e todos os seus territórios deveriam

permanecer católicos. Enquanto isso, os países protestantes temiam o poder da Igreja Católica, especialmente porque os apoiadores do Papa buscavam ativamente colocar um dos seus membros em tronos tradicionalmente protestantes, como na Grã-Bretanha. Portanto, quando a guerra colocou em risco todo o território espanhol, seu destino religioso também estava em jogo.

Além disso, a maioria dos europeus da época acreditava no “direito divino dos reis”. Isso significava que os súditos desses governantes - os cidadãos dos países da Europa - acreditavam que seu rei ou rainha detinha o trono porque Deus os havia enviado. Enquanto alguns países - como a Grã-Bretanha - tinham outros órgãos governamentais (o Parlamento) que moderavam o poder da monarquia, na maioria dos países desafiar o governante real era visto como contestar a vontade de Deus.

Durante esse período, a Europa estava quase constantemente em guerra, e a manutenção do equilíbrio de poder sempre foi um grande problema nesses conflitos. No ano de 1697, ocorreu a assinatura do Tratado de Ryswick, que encerrou a Guerra dos Nove Anos. Esta guerra foi travada entre a França (sob Luís XIV) e a Inglaterra, Espanha, Áustria, Holanda e Sabóia (também chamada de Grande Aliança). Ela também abrangeu revoltas na Escócia e na Irlanda e foi travada globalmente nas colônias.

Por causa disso, exércitos maciços foram levantados, muito maiores do que as economias podiam suportar, o que devorou recursos consideráveis em todo o continente. Ao mesmo tempo, eventos climáticos incomuns, como frios e secas, contribuíram para a fome e o sofrimento da população.

Conseqüentemente, a França esperava romper a Grande Aliança que se formou contra ela. Tentaram assinar tratados independentes com os combatentes, negociando individualmente e não como um grupo, tendo relativo sucesso, já que os conflitos ficaram suspensos e foi experienciado um breve período de “paz”. No entanto, nenhum dos tratados, incluindo o Tratado de Ryswick, que pôs fim à guerra, abordou a questão do trono espanhol, ao qual a monarquia francesa detinha uma das reivindicações mais fortes. Não foi possível alcançar uma paz que também resolvesse essa questão, de modo que os governos exaustos foram forçados a colocá-la de lado.

Por esta razão, a maioria sabia que a luta recomeçaria em breve. Uma nova guerra, que muitos historiadores consideram uma extensão da guerra anterior, começaria novamente em apenas alguns anos, quando a Europa mergulharia o mundo na guerra pelo poder e riqueza do Império Espanhol.

2.2. O Estopim

O final do século XVII foi um período conturbado para o extenso império espanhol. O rei Carlos II, fruto de um casamento entre tio e sobrinha, nasceu com diversos problemas de saúde, nos quais a medicina moderna culpa o relacionamento consanguíneo de seus pais. Aos 3 anos seu crânio ainda não era totalmente formado; aos 5 mal conseguia andar (CALVO, 1988), além de que sofria do famoso “queixo dos Habsburgos”, o qual o impedia de se alimentar e comunicar direito (STANHOPE, 1840), juntamente com desvios emocionais agudos e, além disso, a infertilidade (ALVAREZ, 2009). Todos esses problemas, e outros de credibilidade duvidosa, fizeram o rei ganhar o humilhante apelido de “O Amaldiçoado” na época. (CALVO, 1988)

A fragilidade do rei era aparente em todas as esferas do Império, portanto diversos indivíduos e grupos tentaram tomar vantagem da sua vulnerabilidade: irmãos bastardos de Carlos II tentavam controlar o Estado; a província de Aragão se revoltou; e monarcas estrangeiros - principalmente o rei francês, Luís XIV - o pressionavam, querendo uma parte desse gigante império. (LYNN, 1999)

Luís XIV, o Rei Sol, enfrentava dois rivais políticos, o monarca William III, que governou Inglaterra e Holanda, em parceria com o imperador do Sacro Império Romano Germânico, Leopoldo I. Ambos temiam que, após a morte de Carlos II, a Espanha e a França pudessem se juntar em um estado só, automaticamente controlando enormes territórios, exércitos, marinhas, comércios e populações. Esse medo ficaria ainda mais pronunciado depois da morte de José Ferdinando. (LYNN, 1999)

José Ferdinando, ao mesmo tempo neto de Leopoldo I e sobrinho-neto de Carlos II, a partir de 1698 era reconhecido tanto pela nobreza espanhola, a partir de um testamento do rei espanhol, quanto pelos monarcas estrangeiros, por conta de um tratado de partição, como o legítimo herdeiro do trono espanhol. A diferença entre o testamento do rei e o tratado era que no primeiro José herdaria todo o reino espanhol, enquanto que no segundo apenas os territórios da península ibérica e colônias, o resto sendo dividido entre os nobres Habsburgos, dinastia que controlava tanto a Espanha quanto o Sacro Império Romano Germânico (assim como outros territórios) e Bourbons, família de Luís XIV. (BRITANNICA, 1998)

Em 1699, José Ferdinando morreu, e com ele, a solução fácil dessa situação. Os monarcas da França e Inglaterra reuniram-se mais uma vez para um segundo tratado de partição, conhecido como Tratado de Londres (realizado em março de 1700), que colocou o arquiduque Carlos, filho de Leopoldo I, como herdeiro da Espanha, enquanto que um filho de

Luís XIV, também chamado Luís, ficaria com as terras espanholas na atual Itália (LYNN, 1999). Contudo, esse tratado foi quebrado no momento em que um segundo testamento de Carlos II foi escrito. Nesse documento colocava-se a totalidade dos territórios espanhóis para serem assumidos por Filipe - duque de Anjou (atualmente província no noroeste da França) e neto de Luís XIV -, e, caso ele recusasse, eles passariam para o arquiduque Carlos.

No primeiro dia de novembro de 1700 o rei Carlos II morreu e os Bourbons entram em um dilema: de um lado poderiam aceitar o duque como rei da Espanha, e no processo entrar em guerra com William III e Leopoldo I, assim rompendo o Tratado de Londres; ou recusá-lo, levando a uma luta francesa para conquistar os territórios na Itália, um antigo desejo de Luís XIV (BRITANNICA,1998). Os Bourbons decidem, ao fim, aceitar o testamento do falecido Carlos II, assim Filipe, duque de Anjou, se torna Filipe V, rei da Espanha.

O duque francês assumindo o trono espanhol não implicaria diretamente na união entre os dois impérios por um motivo: o testamento de Carlos obrigava o rei da Espanha a ficar em Madrid, e governar esses dois países ao mesmo tempo seria, para um só monarca, impossível para a época, não só por conta de território, mas das distintas e complexas políticas e econômicas dos Estados. Mas mesmo assim, Luís XIV recusou-se a tirar o nome de Filipe V na linha de sucessão do trono francês. Até esse ponto, a guerra era um cenário possível, porém evitável. Contudo, Luís XIV fez uma série de atos considerados arrogantes, escalando as tensões para um conflito.

Primeiramente, fez com que Filipe V colocasse mercadores franceses no controle do comércio de escravos nas colônias espanholas, o que antes era concedido aos ingleses. Ademais, o rei francês colocou suas tropas na fronteira entre Espanha e Holanda, no qual ele considerava como defensiva, mas acabou sendo interpretada como provocativa pelos holandeses. E, por fim, disse publicamente que um rival ao trono inglês, Jaime III, um príncipe Stuart católico exilado pelo próprio William III (QUINN,2003), era o legítimo rei da Inglaterra. O monarca holandês recebeu as três ações como insultos e começou articular para uma guerra (LYNN,1999).

Os próximos dois anos foram definidos pelos diferentes lados da guerra escolhendo e articulando seus aliados. Naturalmente, Espanha e França estavam de um lado e o Rei Sol conseguiu também aliança com o Eleitorado da Baviera (atualmente no oeste da Alemanha), o Ducado de Sabóia (atualmente dividido entre França e Itália), assim como forças menores, como rebeldes húngaros, que poderiam distrair os Habsburgos.

Por outro lado, em setembro de 1701, Leopoldo I afirmou a chamada “Grande Aliança” com William III, unindo o Sacro Império Romano Germânico com a Inglaterra e a

Holanda. Meses depois, no dia 15 de Maio de 1702, a Grande Aliança declara guerra contra a França. (LYNN,1999)

2.3. Início do Conflito

A guerra de sucessão espanhola foi uma verdadeira guerra europeia. As principais potências da época estavam envolvidas, portanto batalhas aconteceram desde a península ibérica até a Hungria, com conflitos menores até fora da Europa. Nos primeiros anos de guerra (1701-1702) os embates se concentraram no norte da Itália e nos Países Baixos, ambos territórios espanhóis.

O Príncipe Eugene da Sabóia, um austríaco que, mesmo tendo rumores de ser filho bastardo de Luís XIV, liderou o exército de Leopoldo I em uma campanha no norte da Itália. Essa campanha foi um sucesso para os Habsburgos, que com um ano conquistaram o ducado de Milão e a maior parte do ducado de Mântua, ambos previamente dominados pelos Bourbons.

2.4 Países Beligerantes

2.4.1. Aliados Habsburgo

2.4.1.1. Sacro Império Romano Germânico

O Sacro Império Romano Germânico unia algumas áreas da atual Alemanha, Áustria e outros territórios da Europa Oriental. Naquele momento histórico, era um dos impérios mais antigos do mundo, tendo início ainda na alta Idade Média. Inicialmente funcionando como uma monarquia eletiva (após um mandato vitalício, o Reichstag elegia um outro imperador de uma família dominante das províncias do império), a dinastia Habsburgo conseguiu se estabelecer no topo da nação como uma das mais influentes do continente. Além de monarcas do Império, eles detinham o senhorio direto de regiões da Áustria e do sudeste da atual Alemanha. (LINDBERG, 1996)

Os Habsburgo chegaram ao controle da Espanha em 1516 por ventura da morte de Isabel e Fernando de Castela e Aragão. Sua filha, declarada incapacitada mentalmente, havia se casado com um nobre da casa austríaca. Seu filho, Carlos IV, conseguiu acumular os tronos Romano-Germânico e Espanhol. Durante seu reinado no Sacro Império, diversas reformas religiosas ocorreram nos principados e ducados germânicos, com nobres rompendo com a igreja católica e adotando religiões protestantes, reforçando o poder local. (LINDBERG, 1996)

O Sacro Império Romano estava muito mais dividido do que os outros combatentes, o que não é de todo surpreendente dado que era uma união de várias regiões diferentes. No mínimo eles precisavam proteger as fronteiras de suas regiões com os franceses e garantir que não invadissem seu território. Os austríacos, governados pelos Habsburgos, queriam colocar o arquiduque Carlos no trono espanhol e garantir a unidade dos Habsburgo em toda a Europa. Essa era uma das coisas contra as quais os britânicos e holandeses, em aliança com o Sacro Império contra a França, estavam lutando. Os objetivos de Leopoldo foram prejudicados ainda mais pelos profundos problemas financeiros da Áustria; durante a guerra, eles foram quase que totalmente financiados pela Grã-Bretanha e pelos holandeses. (FALKNER, 2015)

2.4.1.2. Inglaterra e Escócia (até 1707) e Reino Unido (após 1707)

A Grã-Bretanha foi um dos oponentes mais importantes da França na guerra, pois possuía a maior capacidade econômica e militar para enfrentar a potência gigante. No entanto, os britânicos estavam divididos politicamente sobre como abordar a guerra.

Os Whigs, grupo político liberal britânico, acreditavam que era necessária uma derrota definitiva e completa da França, e isso tinha que acontecer o mais rápido possível. Por esta razão, eles favoreceram a luta em terra e no mar. Os confrontos navais protegeriam o comércio britânico enquanto destruía o dos franceses e de seus aliados espanhóis, enquanto os combates terrestres enfraqueceriam ainda mais a capacidade francesa de manter a guerra.

Os Tories, grupo conservador, por outro lado, acreditavam que a guerra naval seria suficiente, uma vez que, segundo eles, França recuaria rapidamente assim que percebesse o dano econômico potencial que a Grã-Bretanha representava, e assim a Grã-Bretanha seria salva de uma guerra terrestre cara. (FALKNER, 2015)

2.4.1.3. República Neerlandesa

As prioridades da República Holandesa envolviam principalmente a autoproteção. Com o fim da dinastia Filipina e a independência da Espanha, a Holanda e outras regiões ao longo de suas fronteiras foram colocadas em risco. Uma das causas da guerra foi o movimento das forças francesas para a Holanda espanhola. Os holandeses queriam mantê-los sob seu controle, portanto, concentraram sua atenção militar em guerras terrestres perto de suas próprias fronteiras, além de ajudar os britânicos no Mediterrâneo. (FALKNER, 2015)

2.4.2. Aliados dos Bourbon

2.4.2.1. França

Para Luís XIV e França, seus objetivos eram mais simples. Eles queriam impor a reorganização e maior união entre eles e a Espanha, coisa que já havia ocorrido,

especialmente com a cessão de partes da Holanda. O sonho de unir a Espanha e a França sob um único governante - e tudo o que vem com isso - também foi um fator para a França.

Além disso, Luís XIV viu a guerra como uma oportunidade para ajudá-lo a proteger as fronteiras e enfraquecer seus oponentes. Finalmente, ele esperava ganhar mais no comércio, especialmente nas Américas. Na época, as colônias americanas eram grandes exportadoras de metais preciosos, açúcar, entre outros produtos de caráter primário. Assim, os países que detinham monopólios relacionados a esse tipo de comércio movimentavam e acumulavam uma grande quantidade de capital, sendo, na época, importante indicador da riqueza de uma nação.

2.4.2.2. Sabóia (Aliada dos Bourbon até 1703, após disso declararam apoio aos Habsburgo)

Sabóia estava localizado principalmente entre a França e Milão, e seu objetivo na guerra era, mais do que tudo, tomar Milão, que na época estava sob domínio espanhol. Inicialmente, o governante de Saboia, Victor Amadeus II, aliou-se à França e entrou na guerra ao seu lado. No entanto, com o passar do tempo, tornou-se evidente que a França não estaria disposta a conceder Milão a Sabóia, e Victor Amadeus mudou de lado. Ele acreditava que apenas os britânicos, que não faziam fronteira com o Ducado de Milão ou tinham tanto interesse nele, concordariam em ceder. (FALKNER, 2015)

3. Organização do Gabinete de Guerra

3.1. Introdução

Diferente de outros tipos de comitês, as simulações de gabinete são disputas de duas ou mais partes, podendo ser bélicas, políticas ou, simplesmente, crises. Possuem o objetivo de simular, de forma mais verossímil possível, a tomada de decisões e a utilização de estratégias diante do cenário apresentado. Nessa perspectiva, o Gabinete de Guerra apresenta-se como a simulação de um conflito armado, cujo propósito é levar os delegados a enfrentarem situações e tomarem decisões em meio a um cenário caótico.

Assim, para que haja uma melhor veracidade em relação a situação simulada, os gabinetes são dinâmicos e tendem a mudar com a passagem do tempo. Logo, todas as decisões e movimentações do delegado impactam diretamente na cronologia e no andamento do comitê. Essas interferências serão computadas e avaliadas e, conseqüentemente, terão suas conseqüências relatadas e seus resultados expressos, de modo a proceder com o rumo do comitê.

Outra grande diferença de outras simulações é a forma com que o gabinete é distribuído. Ele é feito em salas distintas: uma sala correspondente a cada lado do conflito, chamadas de gabinete, mais uma sala “extra”, onde os dados e as ordens provenientes de cada sala são computadas, chamada de GRUCON - Grupo Controle.

3.2. A Sala de Guerra

Também chamada de GRUCON ou de Grupo Controle, é a sala na qual as ordens e as cartas são computadas, seus resultados são transmitidos, e o andamento do gabinete é dinamizado. É controlada por parte do grupo de diretores, chamados de diretores do GRUCON, que fazem o papel de arbitragem e de grupo de controle do gabinete.

A sala de guerra também é responsável pela ambientação da guerra, desde do tempo de simulação até o quanto as condições climáticas interferem na simulação são revisadas e dinamizadas durante seu andamento. Os cenários, o estabelecimento de tropas, o cálculo das batalhas, armamentos e suprimentos são gerenciados por um simulador controlado por esses diretores.

3.3. Comunicação

Extremamente importante para uma boa movimentação e desempenho, pois é através das comunicações que as estratégias são postas em práticas e a guerra de fato acontece. Contudo, para um maior entendimento do GRUCON e, conseqüentemente, para que os resultados sejam os mais precisos possíveis, é necessário um grande detalhamento por parte dos delegados. Por exemplo, em caso de invadir uma cidade, não é somente mandar os soldados invadirem. É fundamental especificar a forma como vai se atacar, a estratégia que será usada, o jeito em que o exército será dividido entre muitos outros algoritmos que interferem diretamente na resolução da batalha. Assim, uma pequena posição mal definida ou uma disposição de tropas erradas podem ser decisivos para uma vitória ou uma derrota.

Com efeito, essas comunicações e detalhamentos são feitos e mandados a partir dos dois únicos documentos oficiais possíveis nesse tipo de simulação: Ordens e Cartas.

3.3.1. Ordens

Documento oficial utilizado para os delegados se comunicarem com a sala de guerra, podendo ser feita por qualquer um dos delegados. Elas são classificadas de acordo com seu conteúdo. Ordens Executivas são as ordens não confidenciais, aquelas que podem ser compartilhadas com os outros delegados do gabinete ou aliados. Um exemplo de ordem executiva é a Ordem de Reconhecimento, na qual se manda um grupo de soldados para

inspecionar uma localidade, podendo descobrir certas informações de tal lugar e do inimigo, caso este esteja presente. Importante ressaltar que apesar de não serem confidenciais para seu gabinete de origem, assim como as ordens secretas, as ordens executivas são confidenciais a TODOS que não pertençam ao lugar em que foram escritas, podendo causar grandes desvantagens caso sejam lidas pelo lado adversário. Ordens Secretas, por sua vez, são ordens de cunho confidencial, aquelas que nem mesmo seus aliados podem ter acesso, como ordens de assassinato tanto de membros do mesmo gabinete como o dos inimigos.

3.3.2. Cartas

Por sua vez, é um documento cuja finalidade é enviar uma mensagem a alguma figura importante durante o conflito, podendo esta última estar presente no comitê ou não. Todas as cartas, assim como as ordens, devem ser dadas ao Grupo Controle, que se responsabilizará em encaminhar ao destinatário. Caso a pessoa a quem a carta está endereçada não esteja participando do comitê, o GRUCON irá simular uma resposta e enviá-la ao redator.

4. Tipos de Tropas

4.1 Infantaria

4.1.1. Introdução

A infantaria é o maior braço de um exército, composto pelos soldados que lutam em terra no combate direto com o inimigo. Normalmente, este tipo de tropa é organizada em linhas, aumentando a área de contato com o exército inimigo. Mesmo assim, é a parte mais versátil, podendo mudar sua formação de maneira dinâmica, dependendo do número de soldados e da região.

4.1.2. Organização da Infantaria

Para que seja possível alocar suas tropas durante o combate, primeiro é necessário entender como funciona a organização das unidades militares de infantaria. O menor grão é um batalhão, comendo-se de até 1000 soldados. Ao se unir mais de um batalhão, é criado um regimento e com uma série de regimentos cria-se uma brigada, com no máximo 5000 soldados. O conjunto de diversas brigadas gera uma divisão.

4.2 Artilharia

4.2.1. Introdução

Com armas de calibre maior do que a Infantaria, a artilharia é composta pelo armamento pesado de um exército. Uma das peças chave para determinar a vitória de uma batalha, os canhões da artilharia tem poder de fogo capaz de dizimar um exército inteiro. Seu posicionamento no campo de batalha pode ser feito de maneira mais efetiva quando está paralelo à infantaria ou colocado em locais de alto relevo.

4.2.2. Movimentação

A maior desvantagem da artilharia é a movimentação dessas peças. Por exemplo, um canhão de 36 libras pesava 3200 kg, precisava de 14 homens para operá-la e cada munição tinha 5,87 kg. Cada destacamento de artilharia tem de 100 a 300 peças de artilharia. Com isso, é importante saber bem onde essas peças ficarão, considerando que movimentá-las em meio ao combate não é uma opção.

4.3 Cavalaria

4.3.1. Introdução

Estes soldados utilizam carabinas, pistolas e sabres, atingindo seus inimigos sem descer dos cavalos. As tropas de cavalaria normalmente estão presentes em um número menor na totalidade do exército quando comparadas a infantaria. A cavalaria pode se organizar em linhas ou colunas. Dentre algumas das funções indispensáveis da cavalaria encontram-se o reconhecimento, a carga de cavalaria e defesa da infantaria.

No contexto da Guerra de Sucessão Espanhola, a cavalaria era composta dos *jinetes* e dos *dragones*, sendo estes Cavalaria Leve e Cavalaria Pesada, respectivamente.

4.3.2. Tipos

4.3.2.1. Cavalaria Leve

São denominados como cavalaria leve os regimentos de cavalaria que eram compostos de cavalos mais rápidos, com armamento leve. Suas funções englobam principalmente a defesa contra o flanqueamento das tropas e missões de reconhecimento. Além disso, são responsáveis pela desmobilização da artilharia inimiga e proteção de tropas em retirada. Para que a cavalaria leve fosse capaz de cumprir esses objetivos, normalmente era organizada em colunas, posicionadas de forma adjacente a infantaria aliada.

4.3.2.2. Cavalaria Pesada

São denominados como Cavalaria Pesada os regimentos de cavalaria compostos de cavalos com armamento pesado. Diferentemente da cavalaria leve, ela é mais efetiva em ataques diretos contra a infantaria inimiga, as vezes podendo até se posicionar em linhas. Esse tipo de tática é chamada de Carga de Cavalaria.

5. Táticas de Guerra

5.1. Movimentação de Tropas

Como em todos os conflitos armados, a movimentação de tropas é um elemento fundamental para a vitória. A partir dela que se concretizam estratégias, se dominam territórios e se ganham campanhas. Contudo, para que haja um bom rendimento dos exércitos durante a simulação, alguns fatores precisam ser analisados.

5.1.1. Quantitativo de tropas

Primeiramente, é necessário considerar seu número de tropas em relação ao adversário. Através de uma ordem de reconhecimento, seus contingentes se entenderão em um cenário de vantagem ou de desvantagem.

Em caso de uma superioridade bélica, que seria a forma de confronto ideal, as tropas possuirão a oportunidade de ocupar um espaço maior no campo de batalha, podendo aumentar a quantidade de regimentos, expandir seus frentes de defesa, elaborar estratégias mais complexas e balancear seus pontos fortes e fracos. Importante ressaltar também que, apesar da vantagem numérica, é necessário sempre considerar as possíveis estratégias inimigas, visto que estas últimas podem objetivar uma redução de tropas.

Em contrapartida, em caso de uma inferioridade de contingentes, a batalha deve ser realizada com uma formação mais compacta, com uma quantidade menor de regimentos, cada um possuindo grandes números de soldados. Nessas situações, o objetivo dos delegados deve ser atacar os frentes mais fracos e de menor tropa do inimigo, como uma tentativa de desestabilizar sua defesa. Ao avançar contra esses regimentos, seu contingente sempre será maior que o dos adversários e possuirá maiores chances de vitória.

Por fim, antes de pôr essas táticas em prática, dois fatores podem influenciar a dinâmica das movimentações: o peso das tropas, alterando o tempo de deslocamento e a forma de posicionamento, e os tipos dos regimentos disponíveis, visto que há divisões do exército mais fortes que outras.

5.1.2. Ambientação do território

Outro aspecto para se analisar é o ambiente em que a batalha se instaurará. O clima, o relevo, e a vegetação possuem uma grande influência no resultado da campanha. Invernos rigorosos com neve tendem a congelar suprimentos e matar soldados por hipotermia, enquanto verões muito quentes tendem a demandar mais água devido a uma maior desidratação. Dessa maneira, é preciso a atenção e adaptação das tropas.

Em relação ao momento da batalha, a preferência do relevo vai alterar de acordo com sua posição na batalha. Para uma posição de ofensiva, uma elevação, como montanhas e planaltos, são mais confortáveis à medida que deixa o inimigo exposto. Já para um posicionamento de defesa, um local em que o inimigo tenha difícil acesso sem ser avistado, como a Baía de Guanabara para os colonizadores portugueses, por exemplo, é o ideal.

Assim, é recomendável que, durante a simulação, os delegados tentem estabelecer pontos estratégicos ao longo do mapa, tanto para posicionamentos de ataque quanto para a defesa de seu território, a fim de estar um passo à frente dos adversários e prontos para sua possível chegada.

5.2. Planejamento de Campanha

O que devo avaliar e considerar antes de começar uma campanha? Por exemplo, onde meu inimigo vai estar? Qual seu objetivo? Qual o meu objetivo? Quantas tropas eu tenho para chegar no meu objetivo? Qual o melhor caminho, sendo este o plano A? Qual seria o plano B? Planejamento, execução, manutenção, adaptação...

“Estratégia é definida como “o emprego da batalha como meio para a consecução do objetivo da Guerra”. A rigor, ela não tem nada a ver com a batalha, mas sua teoria deve incluir nessa consideração o instrumento dessa atividade real – a força armada – em si mesma e em suas relações principais, pois a batalha é travada por ela e mostra sua efeitos sobre ele por sua vez. Deve estar bem familiarizado com a batalha em si no que diz respeito aos seus possíveis resultados, e aqueles poderes mentais e morais que são os mais importantes no uso do mesmo.” (CLAUSEWITZ, 1832. Tradução própria)

Uma guerra é ganha com batalhas, de fato, porém, a mera quantidade física de soldados não é o único fator determinante para um resultado favorável. Conflitos já foram travados por potências contra nações relativamente mais fracas, que entretanto resultaram em enormes perdas humanas e militares para os favoritos. Assim, outros fatores devem ser considerados nesse contexto, e trataremos de alguns deles nesta sessão . Um dos fatores principais a serem analisados é o objetivo do inimigo pela campanha. Conhecê-lo é fundamental para prever as possíveis estratégias a serem usadas, e o que deve ser feito para neutralizá-las e, mesmo com o oponente tendo vantagens numéricas, derrotá-lo no campo de batalha.

Um dos elementos mais importantes no planejamento de uma campanha é o conhecimento do local onde ocorrerá a batalha. A noção do relevo, da presença de montanhas, depressões, planaltos ou rios pode mudar o desfecho de um conflito caso seja usado por um dos lados sabiamente, sabendo posicionar determinadas tropas em certas áreas do conflito para ter uma vantagem estratégica. Por exemplo, posicionar arqueiros em uma encosta alta é valioso, pois isso dará um campo de visão e acerto maior, ao mesmo tempo protegendo-os de espadas e lanças do oponente.

Outra questão importante a ser analisada é a quantidade de tropas gerais e de cada tipo. Não podemos esperar que uma ação suicida em um campo de batalha altere algo, pois disciplina e tática são vitais para uma guerra. Por exemplo, não posso afirmar, com certeza, que 500 soldados de infantaria seriam suficientes para derrotar 100 de cavalaria, assim como seria ingênuo considerar que, em campo aberto e plano, 2000 cavaleiros seriam facilmente derrotados por 8000 arqueiros. Um bom general consegue, distribuindo estrategicamente suas limitadas tropas em um determinado território, alcançar uma vantagem contra um inimigo,

por vezes maior, porém mais desorganizado que as tropas ofensivas. Nesse caso, podemos citar a ideia de “*defeat in detail*”, ou seja derrota por detalhes, em que um exército, mesmo sendo de modo geral menor que o oponente, foca suas batalhas em locais onde seu inimigo está com menos tropas, tendo alta vantagem sobre ele. Essa tática foi utilizada por Napoleão em sua invasão à Itália, dividindo as tropas do inimigo em partes menores para derrotar todos.

Um ponto a ser considerado também é como chegar perto do objetivo de batalha. Um exército invasor, por vezes em grande volume, pode ser avistado de longe por seu oponente, tirando qualquer possibilidade de elemento surpresa. Ou ainda, uma região montanhosa poderia dificultar a movimentação eficiente de tropas, esgotando suprimentos e os próprios soldados. Um exemplo clássico disso seria a invasão da Rússia pela França napoleônica. Mesmo em grandes números, o exército bonapartista não conseguiu avançar com rapidez para a capital russa, quando Napoleão deixou quase metade de suas tropas para o inverno czarista. (Austin, Paul Britten. 1812)

“Um [...] General que sabe exatamente como organizar sua Guerra de acordo com seu objetivo e meios, que não faz nem pouco nem demais, dá por isso a maior prova de seu gênio. Mas os efeitos desse talento são exibidos não tanto pela invenção de novos modos de ação, que podem chamar a atenção imediatamente, mas pelo resultado final bem-sucedido do todo. É o cumprimento exato de suposições silenciosas, é a harmonia silenciosa de toda a ação que devemos admirar e que só se revela no resultado total. O inquiridor que, voltando ao resultado final, não percebe os sinais dessa “harmonia”, é aquele que está apto a buscar o gênio onde não está e onde não pode ser encontrado.”(CLAUSEWITZ, 1832. Tradução própria)

Além disso, talvez o ponto mais relevante em uma estratégia de campanha é definir o seu objetivo para um embate. Um propósito claro, com prioridades a serem alcançadas em uma guerra é fundamental para os objetivos gerais. Quando comandantes empregam apenas batalhas de saque e destruição, as perdas humanas são expressivas e o exército não consegue conquistar de fato nenhuma região que pode ser vital para o avanço da campanha.

Ademais, como já mencionado, o estabelecimento de prioridades é importantíssimo para o sucesso de uma guerra. Não se pode esperar conquistar e manter uma grande cidade de uma região sem dominar os principais locais de acesso à cidade, não só para proteger-se de oponentes, mas também para garantir rotas eficazes de retirada e avanço, caso o seja necessário para priorizar outras conquistas.

5.3. Ordens e direcionamentos inteligentes

Como já dito anteriormente, o andamento do comitê se baseia no envio de ordens e cartas para tropas dentro do território. Contudo, essas comunicações, principalmente as

ordens, não são formadas apenas por mensagens como “Tropas X vão para Y”. Elas necessitam de certos detalhes para que haja uma maior precisão no momento da execução.

Utilize as Ordens de Reconhecimento como uma ilustração. Para que o reconhecimento seja melhor efetivado, é preciso que, em primeiro lugar, seja um grupo pequeno. Geralmente cavalarias são enviadas para esse tipo de missão devido sua rápida locomoção e por não chamarem muita atenção. Além disso, a fim de que haja uma análise mais profunda do terreno, deve-se mandar soldados experientes para que o rastreamento seja o mais detalhado possível.

Então, no momento de descrição da ordem, precisa-se constar o quantitativo de tropas, o tipo de tropas, o local de onde irão sair, o local onde irão chegar e outros detalhes mais específicos que venham a aparecer. Dessa forma, caso haja qualquer tipo de ordem sem as informações necessárias, a ordem será desconsiderada e uma carta será mandada ao general responsável pelo exército pedindo seus complementos.

Por fim, é importante ressaltar que apesar do padrão de formalidade e do detalhamento serem uma obrigação, a elaboração de ordens é de pura autonomia dos delegados. Estes possuem o poder de inventar estratégias de batalhas ou criar formas diferentes de obter informação, por exemplo. Assim, consegue-se haver uma maior dinamização das movimentações e um aumento das suas chances de vitória.

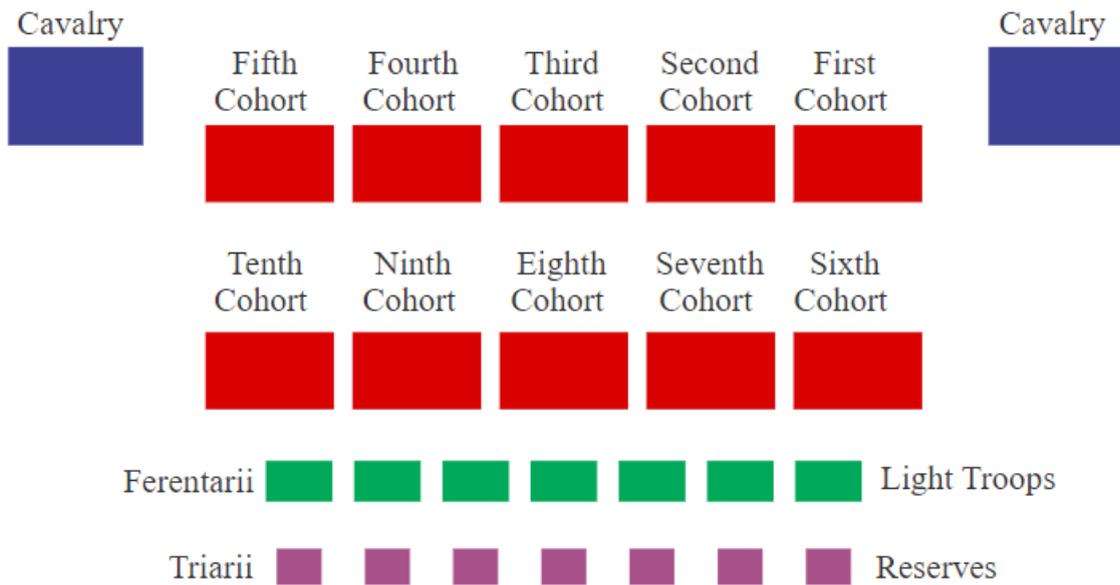
5.4. Em batalha

5.4.1. Principais Formações de Batalha

5.4.1.1. Legiões Romanas

As legiões romanas foram aquelas que conquistaram todo o gigantesco território do Império Romano Ocidental, e para isso, os generais durante os séculos foram aperfeiçoando os esquemas táticos de batalha. As formações de batalha romanas ficaram tão marcadas na história, que mesmo após a queda do Império no ocidente, continuaram a ser usadas pelos outros impérios e reinos que surgiram das cinzas de Roma.

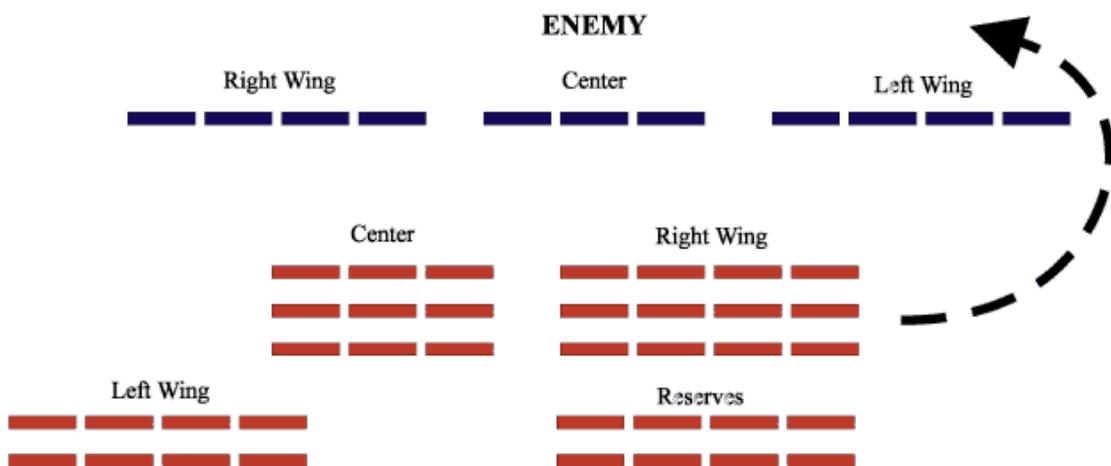
Figura 2 - Esquema básico de formação romana -



Fonte: ROMANMILITARY, 2017

Em geral, todas as formações romanas se derivam da mesma base, a infantaria no centro, duas linhas com 5 *coortes* (grupos de aproximadamente 600 soldados), protegida em seus flancos com a cavalaria, a qual também atacava as tropas inimigas pelos flancos e retaguarda. Por fim, tropas leves poderiam ser colocadas na retaguarda, um conjunto de infantaria leve e arqueiros, dando suporte. A partir disso, dependendo de relevo, tempo, condições das tropas inimigas etc., os generais romanos adaptavam esse esquema básico para ganhar vantagem na batalha. (JONES, 2001)

Figura 3 - Formação em batalha



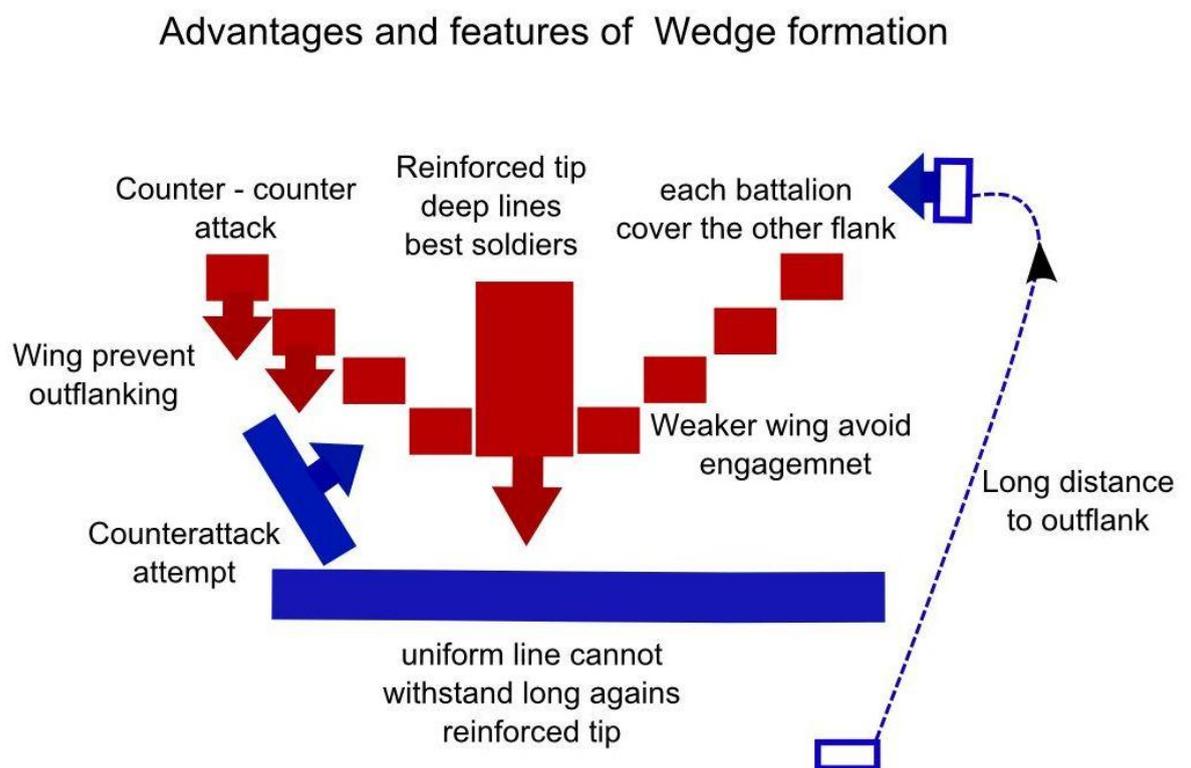
Fonte: ROMANMILITARY, 2017

A partir dessa esquema, a tática geral de batalha das legiões era o flanco direito circundar o flanco esquerdo inimigo, já que na época os flancos esquerdos eram mais fracos, por conta do peso dos escudos. Ao fazer isso, a ala esquerda retrai levemente, enquanto que o centro recebe suporte dos reservas. Importante destacar que essa tática era muito adaptada de batalha em batalha, isto é, as condições do próprio exército, do inimigo, relevo, etc... poderiam obrigar o comandante a fazer alterações.(FRONTINUS,1925)

5.4.1.2. Flying Wedge

Uma tática contudo que se distancia muito da padrão é a *flying wedge*, usada por Gaius Paulinus na batalha de Watling Street contra os celtas na atual Grã-Bretanha (Revolta da Boadiceia). Segundo o historiador romano Tacitus, Gaius organizou a infantaria em um formato triangular, contando com uma superioridade armamentista, quebrou o exército de Boadicea, levando uma vitória decisiva pro Império (80 mil baixas britânicas contra apenas 400 romanas).(BRITANNICA,2017)

Figura 4 - Esquema da *flying wedge*



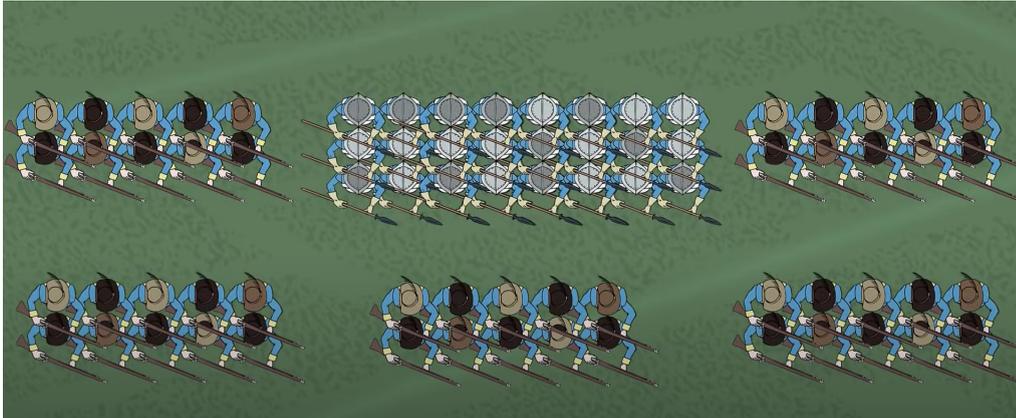
Fonte: ROMANMILITARY, 2017

5.4.1.3. Em Linha

Muito implementada após a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), a formação em linha era a que melhor utilizou a mais nova arma de guerra: o mosquete. No início, o

mosquete era muito impreciso, assim, organizar a infantaria em linhas rasas e perto do inimigo melhoraria a precisão, portanto a letalidade, do mosquete. Isso porque todo o contingente teria visão do inimigo, portanto poderia toda a infantaria atingir um mesmo alvo de uma só vez. Artilharia e canhões eram pouco eficientes, pois só conseguiriam atingir poucos soldados. (GATES, 2001)

Figura 4 - Formação em linha do exército sueco



Fonte: JOHANSEN, Griffin. 2019

Contudo, essa nova formação tinha uma grande desvantagem, os flancos eram extremamente desprotegidos, assim sendo alvo fácil para cavalaria. Portanto, várias alternativas foram pensadas para cobrir essa falha. Utilização de piquetes (espécie de lança) para dar suporte, como mostrado na imagem acima, era a mais comum, até o surgimento da baioneta. (JONES, 2001)

A baioneta é uma pequena faca encaixada no próprio mosquete, e se tornou uma poderosa arma contra a cavalaria. Com ela, a infantaria poderia se proteger sozinha contra seu maior perigo, caso se mantivesse em formação. (JONES, 2001)

Figura 5 - Baioneta contra cavalaria



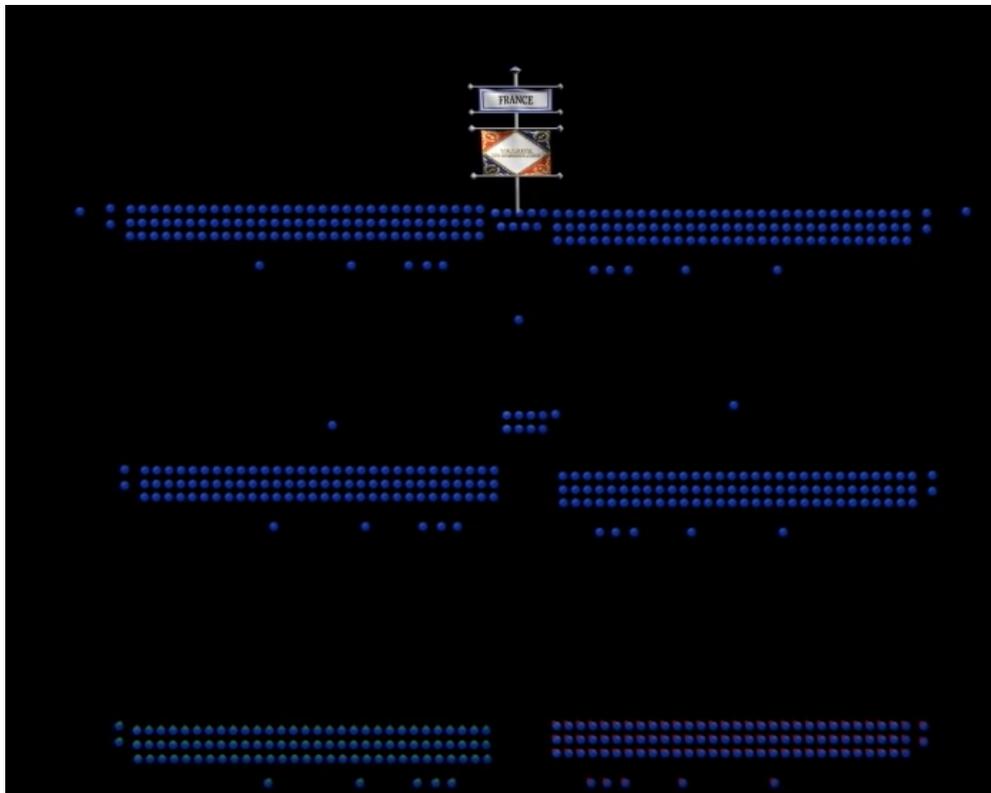
Infantry vs. Cavalry
The attack on the left.
As well as emphasizing the maneuvers and exercises in hand-to-hand bayonet combat between infantrymen, bayonet training of the 1850's and '60's included anti-cavalry exercises. With the musket held either high or low, a man on horseback could be attacked either from the right or left. From Kelton, *New Manual of the Bayonet*, New York, 1861.

Fonte: MCNAIR-LEWIS, Gareth. 2009

5.4.1.4. *Em Coluna*

As guerras napoleônicas trouxeram grandes avanços para a arte da guerra, muito além das formações táticas. Em geral, a formação em linha desenvolvida quase um século antes continuava a ser muito utilizada, todavia era previsível, e de difícil movimentação em. Ademais, mesmo com o desenvolvimento da baioneta, ainda era frágil contra avanços de cavalaria, especialmente uma bem treinada. A fim de compensar por essas duas desvantagens, a formação em colunas e a formação em quadrado foram projetadas e praticadas pelos exércitos europeus.

Figura 6 - Esquema de colunas



Fonte: EPICHISTORYTV, 2020

Nessa formação, ao invés de longas e rasas linhas, os batalhões se organizam em colunas, assim deixando a mobilidade mais eficiente, assim como uma boa defesa contra cavalaria. Essa tática também poderia se modificar para uma linha, mas isso pode ser difícil, ainda mais em meio a batalha, portanto os soldados precisam de bastante treinamento e disciplina. A letalidade não se compara à da linha, já que menos soldados tem um bom campo de visão do inimigo, por muitos estarem afastados. A artilharia concentrada contra as colunas é bem eficiente, pois um tiro pode atingir vários níveis de soldados.

5.4.1.5. *Em Quadrado*

Figura 7 - Quadrado de infantaria



Fonte: EPICISTORYTV, 2020

Na prática se assemelhando mais a um retângulo, a formação em quadrado foi a resposta final contra a cavalaria. A letalidade e mobilidade não são muito boas, e a artilharia é muito eficiente para quebrar o quadrado, portanto só era utilizada mesmo contra a já mencionada cavalaria.

5.4.2. *Como Usar o Ambiente ao seu Favor*

O campo de batalha desempenha um papel extremamente importante que pode, por vezes, decidir o rumo de um confronto. Fatores os quais devem ser levados em conta são elevações, florestas, planícies, corpos de água (rios, lagos, mares, etc...), ou até elementos artificiais, como cidades, vilas, fortalezas e campos agrícolas.

O principal uso de um terreno, não sendo uma planície aberta, é de proteção. Exércitos mais fracos principalmente podem usar esses fatores para ganhar uma vantagem sobre o inimigo. Uma floresta pode esconder o tamanho real dos contingentes, e ajuda a fazer emboscadas. Corpos de água podem dar uma proteção, pois dificultam a transposição, assim como certas elevações. Ficar em uma altitude mais elevada pode dar vantagem, principalmente para a artilharia. Os comandantes devem sempre estar atentos ao campo de batalha, e como podem usar suas características ao seu favor.

O território espanhol é, em sua maior parte, constituído de serras, que podem chegar em média a 700 metros, principalmente na parte norte do país. Na divisa com a França, há uma cordilheira de montanhas, os pirineus, de elevadas alturas de até 3500 metros. Não há

muitas florestas densas na Espanha, portanto a maior parte dos campos de batalha estarão em altitudes elevadas, sem muita cobertura vegetal. Importante destacar também os rios espanhóis, o Tejo, Ebro (único grande rio que não deságua no Atlântico) e o Douro são os 3 principais rios, e estão entre os maiores da Europa. (BRITANNICA,1998)

5.4.3. Reconhecimento

“Se você se conhecer e o seu inimigo, você não precisa temer o resultado de cem batalhas.” (SUN TZU) Um aspecto essencial na guerra é a informação. Localização, número, armamento, condições físicas e mentais, velocidade, direção, são as principais informações as quais se precisa ter antes de se engajar em um confronto. Sem elas, ou muito imprecisas, pode levar à derrota, mesmo até de um exército mais forte.

A forma mais tradicional de se obter tais informações do inimigo, no século XVIII, é por cavalaria, por conta de sua alta mobilidade. No gabinete, os delegados podem, e devem, mandar ordens de reconhecimento para que seus cavaleiros façam uma patrulha em uma região a fim de descobrir o máximo possível das condições e direção do inimigo. Ademais, as patrulhas podem analisar o ambiente, observando o relevo de uma região, para se caso uma batalha seja provável de acontecer, os comandantes já se prepararem. O relevo pode interferir ainda no próprio reconhecimento, uma altitude elevada pode dar um campo de visão maior, mas uma névoa ou floresta densa pode dificultar a observação.

Por fim, há outros métodos de se conseguir conhecimento. Patrulhas fixas em uma região, interrogar civis em uma cidade ou vilarejo, prisioneiros de guerra, etc... Os delegados devem ficar atentos a essas oportunidades, a fim de estarem sempre preparados para um embate.

6. Referências

FRONTINUS; PHILLIPS, M. *The Stratagems and the Aqueducts of Rome with an English Translation*. [S.l.]: UNIVERSITY OF TORONTO, 1925.

G, A.; C, C. F.; C., Q. The role of inbreeding in the extinction of a European royal dynasty. National Library of Medicine, 2015. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2664480/>>. Acesso em: Março 2022.

GATES, D. *Warfare in the Nineteenth Century*. [S.l.]: PALGRAVE, 2001.

JONES, A. *The Art of War in the Western World*. [S.l.]: University of Illinois Press, 2001.

LYNN, J. A. *The Wars of Louis XIV 1667-1714*. [S.l.]: Routledge, 1999.

MCNALLY, M. *Ramillies 1706*. [S.l.]: Osprey Publishing, 2014.

QUINN, S. *The Glorious Revolution of 1688*. Economic History Association, 2003.

Disponível em: <<http://eh.net/encyclopedia/the-glorious-revolution-of-1688/>>. Acesso em: 2022.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Battle of Watling Street*.

Encyclopaedia Britannica, 2017. Disponível em:

<<https://www.britannica.com/event/Battle-of-Watling-Street>>. Acesso em: Junho 2022.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *Spain*. Encyclopaedia Britannica,

1998. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Spain> >. Acesso em: Março 2022.

THE EDITORS OF ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. *War of the Spanish Succession*.

Encyclopaedia Britannica, 1998. Disponível em:

<<https://www.britannica.com/event/War-of-the-Spanish-Succession>>. Acesso em: Março 2022.

TZU, Sun. *A Arte da Guerra*. 1. ed. Cultura Brasil, 2010